



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade Casa do Galato de Porto—Pago do Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR EEDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

CASTIGOS

TRAZIAMOS em mãos um caso grave, dos muitos que vão aparecendo na nossa vida de comunidade, quando uma carta de Braga nos veio auxiliar. Tínhamos necessariamente de castigar um dos nossos. Não era tanto a falta cometida que nos fazia doer, como a qualidade do castigo a aplicar.

Castigar bem, é coisa muito difícil, por ser uma acção espiritual. Mesmo que se use pau ou pedra, é sempre o bem das almas e a formação de consciências que estão em causa. Daqui nasce o sofrer muito mais o que se vê na obrigação de castigar do que o proprio castigado. Mais. O resultado do castigo há-de medir-se pela violência que se faz em o aplicar. Peço desculpa aos leitores de me dar assim ares de mestre, mas não sou. E' tarimba. Um humilde tarimbeiro a escrever coisas sobre educação.

Ora eu tinha de castigar naquela noite o Zé Maria e foi a carta de Braga que me veio ensinar. Onde quer se encontra um mestre, quando a gente o não deseja ser. A carta é muito grande e rasga elogios à minha pessoa, que eu leio e aceito naquele mesmo espirito em que costume ler e aceitar as que rasgam censuras. Que são muitas e muito extensas, graças ao nosso Bom Deus. O que verdadeiramente nos interessa, diz assim:—*mandamos uma bola que fará o favor de entregar ao Veiga, nosso companheiro aí que nos prestou serviços que não queremos esquecer. Quando o quizermos gratificar nada aceitou ainda que tivéssemos insistido.* A carta é de um grupo de Braga, que veio à nossa festa em camionete.

Tinha na mão a página do tratado. Ia dar naquela noite a lição.

Zé Maria e Veiga, entraram em nossa casa há mais de um ano, excepcionalmente, por serem ambos fora da idade. A folha de cada um, ao entrar, era muito semelhante. Viajados. Sabidos. *Estrelas* dos caminhos.

Chamei-os ao *tribunal* com voz forte e decidida. Obedeceram. Tinha ali à minha frente o bom ladrão e o mau ladrão. A comunidade não pestanejava, pela solenidade do acto.

Começo pelo *bom ladrão*. Leio a carta. Entrego a bola. Aperto-lhe a mão. Sento-o à minha direita. E' um prémio merecido. São os visitantes que o louvam. Os rapazes ali presentes, sabem o que êle foi: guardou porcos no Alentejo. Andou alugado aos ciganos. Roubava nas praças. Dormia nas prisões. Sabem o que êle fôra. E também são testemunhas do que êle tem sido cá em casa: um rapaz difícil com uma fuga de 15 dias, na qual arrastou os companheiros.

Escutam, agora, o testemunho publico da sua boa acção. Acreditam no esforço próprio; na possibilidade das almas. Quem soubesse ler no íntimo, muito se havia de instruir naquela noite, à hora daquele tribunal, a julgar pelo semblante feliz de cada circunstante; muito!

Uma acção boa de um destes nossos rapazes, é o melhor tónico moral da comunidade inteira, se houver o cuidado de a levantar em hora e lugar próprios.

Vem agora a vez do *mau ladrão*. Ambos o

No rescado da nossa festa

Fala a Igreja. A Igreja docente. Os homens de Deus, ministros do altar, fogueiras do Evangelho:

Venho fazer consigo o meu acto de fé na Obra. E' dever afirmá-la quando há quem duvide. Não morrerá! Pelo menos enquanto tiver por ela o sangue dos dois Sacrificios: o de Deus e o dos homens. Que só morrem as causas por que ninguém se mata. E se não falta hoje quem ofereça um e outro, creio que não faltará no futuro quem esteja pronto para à primeira chamada responder: ecce ego!

Ouro ou prata não lhe mando que os não tenho... Quería dar-lhe a minha Missa de Domingo. Se a não tivesse prometido já aos meus pescadores prestes a largar para o mar alto... A 2.ª feira será toda para a Obra.

Sim, meu Padre; diz muito bem. O sangue é semente.

Outra carta:

Tenho seguido com interesse sempre crescente (ou eu não fosse sacerdote!) a obra de caridade realizada por V.. A projecção de Deus nessa obra está à vista de toda a gente que tenha além dos olhos do corpo os olhos da fé e estes bem limpos e puros. Quando leio as pequeninas páginas do «Gaiato» eu encontro a cada passo os segredos duma alma arrebatada por Nosso Senhor a uma região que o mundo nunca vislumbrou. Sinto então anseios de estreitar nos meus braços o vulto de sacerdote que o meu espirito idealiza. A cruz de Paço de Sousa, afigura-se-me mais leve e mais suave embora irmã da grande Cruz da Redenção da qual recebe a luz que abre caminho seguro a tanto vadio abandonado.

Que Nosso Senhor o alente, P.º Américo, que Nosso Senhor o fortaleça, como peço e hei-de pedir a Deus!

O mundo pede um sinal. Esta geração incrédula pede um sinal e não tem outro senão aquele que parece repudiar: o sinal da Cruz!

Mais uma carta:

Tenho imensa pena de não estar aí na grande festa da «Aldeia» mas esta minha carta vai anun-

foram. Este ainda o é, por isso mesmo se lhe chama o *mau*.

O silencio continuava. Esperava-se a leitura do caso e a sentença final. Não se leu o caso, nem se deu sentença. O prémio solene do Veiga, foi o castigo também solene do Zé Maria.

O rapaz estava amarfanhado quando para êle me voltei, verdadeiramente confundido.

A sua propria consciencia o castigou. Limitei-me a contar uma historia: era duma vez um homem que topou no caminho uma serpente enregelada. Com pena dela, mete-a no seio. Quentinha do sangue do seu benfeitor, a serpente desperta e morde-o.

Tinha terminado a *audiencia*. Dispersaram todos, cada um para sua casa, e todos em silencio: *era de uma vez um homem que topou uma serpente!*

Assim se caustica sem fazer sangue.

ciar que estarei espiritualmente. O meu coração está no meio desses Rapazes meus apaixonados a cantar hinos de Acção de Graças ao Senhor. Cada vez que leio o «Gaiato» tenho impressão que me sinto mais homem, e chego a ter inveja de não ser lixo para me formar nessa escola de Confiança e Amor e ser nervo da Nação. Mas que digo eu? Não serei nervo da Nação? Hei-de sê-lo, ensinando a escola do Amor aos Rapazes que formar. E' o amor que dá sentido à vida e transforma o mundo. No dia 24 aí estarei, não a exaltar o Senhor Padre Américo, mas a Deus que é grande nas suas obras e essa é de Deus. Sim, eu creio, sem a mínima dúvida, que só o Espírito Santo pode apaixonar um homem pelo que é nada diante do mundo e só o mesmo Espírito fará desse nada alavanca do mundo. E' da experiência histórica que Deus realiza as grandes obras com os nados e lixos para o mundo. Que esses Rapazes sejam homens, para serem Revolucionários do Amor e da paz.

E' verdadeiramente o nosso Bom Deus que exalta as obras e as pessoas. E ao invés, humilha todos quantos procuram exaltar-se. O' homem que tens tu de teu, de que te possas vangloriar!

Consciência falsa

O Zé Machado era uma figura da nossa aldeia, muito conhecido dos leitores pelas suas proezas. Tem vindo muitas vezes à tela. Digo era, porque se me afigura não mais o será. Chegou aqui hoje pelas mãos de um guarda do albergue e num instante desapareceu. E' esta a terceira vez que foge.

O Zé Machado foi sempre um rebelde sem ser, contudo, um perverso.

Induziu o Gregório do Fundão a fugir e foram por aí abaixo, mas na cidade de Aveiro zangaram-se. O Gregório entregou-se à Polícia e denunciou o companheiro, que também foi preso e de lá, creio que enviados ao Albergue do Porto. O Amandio foi por eles. Uma vez aqui, Gregório tomou imediatamente conta da sua obrigação e o vadio regressou ao Porto. Nos momentos que esteve conosco, declarou que é melhor estar no Albergue do que aqui. *Come-se melhor e não se trabalha*

Duas palavrinhas acerca desta proposição. A primeira coisa que ela nos revela, é o conceito que o rapaz tem da vida, base de todas as monstruosidades sociais. Durante mais de um ano e em todos os dias, teve a oportunidade de apreciar o Bem. Nada o interessou. Quere o Mal. *Não se trabalha e come-se bem.*

Se ele é verdade que esta doutrina, no individuo, é o pior que pode ser, que havemos nós de julgar de uma obra que a fornece?!

Ninguém pode duvidar da recta intenção do creador dos albergues, tão pouco da boa vontade das Pessoas que os dirigem. Mas toda a gente sabe, e os Directores das mesmas *sentem, sentem, sentem* que por faltas não se sabe de quem, os albergues não correspondem.

Mais. Os navios da P. S. P. são de tal

VENDA DO JORNAL DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Não nos é possível manter os leitores devidamente informados da venda, por falta de espaço. O jornal cresceu duas polegadas no dia em que fez dois anos, sim, mas ainda não tem altura suficiente para ser cartaz de tudo. Daí, as naturais deficiências.

Contudo, cuido que todos hão-de gostar de saber que a venda progride. Os dois últimos números esgotaram-se por completo. No último, venderam 1999 números. Ao verificar-se em casa esta quantidade, todos se levantaram a pedir licença para descer à rua e fechar os dois mil, com a venda de mais um!

Tem havido entre os vendedores umas pequeninas desinteligências, para não dizer deslealdades. Alguns deles, informados dos *fregueses* dos outros, adiantam-se e *roubam* a praça! Ora isto não fica nada bem entre colegas. Mais avisados andam os *fregueses*, os quais, segundo me informam, se recusam a comprar e esperam pela chegada do favorito: *Vai-te embora que eu espero pelo Rodrigo*, disse há dias um senhor ao Avelino, o intruso. Muito bem. Outra pequenina desinteligência está no facto de o Oscar chamar sua à zona que escolheu para vender, e corre à má cara os companheiros que ali param a fazer negócio! Tudo isto é falso zêlo. É uma falsa luta. Além destas e outras notícias que nos chegam do que eles por lá fazem, temos o que eles por cá dizem. A maneira que se vai aproximando o dia da venda, aí estão olhos faiscentes ao redor de mim: *eu vou? Fulano vai?* Os *veteranos*, seguros do seu papel e na certeza de que vão, abonam cordealmente algum vendedor que lhes pareça andar tremido: *Ande; deixe-o ir que ele atira-se.*

De Braga não se fala. *A senhora das abelhas* mandou duas colmeias e já falamos a dois enxames e vamos ter brevemente mais trabalhos na *aldeia*. Abelhas! Mel!

É simplesmente admirável o que estes rapazes fazem e dizem e vibram, por causa do *jornalito deles*: *O' coisa, eu venho lá!* A alegria que eles espalham, as impressões que eles deixam, as almas que eles levantam! Eles, precisamente aqueles mesmos de ontem sujos, a vender nos lugares sujos, pentes e atacadores: *ora vai um pente ou uma carta de alfinetes!*

Quantas vezes não cingi eu ao meu peito naquele tempo, em Coimbra, estas vítimas inocentes, condenadas por nós todos a trabalhos forçados — quantas?! E que podia eu fazer-lhes então?! Mas agora posso, posso.

A *Obra da Rua* foi inspirada nas ruas. Tudo vem à janela quando ela passa. Aí estão os pequeninos vendedores a proclamar esta verdade duas vezes por mês.

envergadura, que sómente a sua falta nos daria o seu preço. São homens denodados que salvam muitas vezes a vida dos mais com riscos da própria. Muito lhes deve a sociedade! Não são, porém, as pessoas verdadeiramente indicadas para esta sorte de serviços sociais. Não conhecem o problema das crianças da rua. Não podem conhecê-lo. Tem outra missão. O pandeiro quer-se na mão de quem no saiba tocar. É um caso de falsa consciência, isto de amontoar estropeados nos albergues. Tenho estado em alguns. Em todos se nota o mesmo sistema: sexos, idades, vícios, doenças, taras, crianças, — tudo estendido ó sol, no mesmo plano!

Gostaria de observar os velhos a um lado, por sexos. Os doentes a outro, por doenças. Os matulões, da mesma sorte. E as crianças, as crianças, dessas nem a sombra. O lugar delas não é de maneira nenhuma ali.

De uma vez, fui escolhido pelo meu superior para fazer parte da Comissão de um albergue de certo distrito. Costuma-se convidar um sacerdote, para estas funções, por cerimónia. É convidada a Igreja para aquilo que é dela, por natureza! E os convidados aceitam o convitesinho!

Depois de bem me inteirar da função e tomar alturas, declarei ao meu Superior, humildemente: *Não quero conviências*. E desandei.

Ninguém gosta de tomar uma atitude, pelos trabalhos que isso acarreta, mas quando a causa é sã, vale a pena tomá-las.

Foi no domingo de Páscoa. Chegou um automóvel e nele, um senhor que me queria falar. Subimos. Puxamos cadeiras. Era a oferta da imagem de Francisco de Assis. *Li ontem o seu jornal. O meu coração estremeceu*. Em breves palavras, explicou-me da influencia que sofrera pela leitura da vida do santo, da nova direcção que ela dera à sua vida e agora, padre, por gratidão, *deixe-me entronisar nesta capela o meu mestre*. A primeira verdade que este Devoto ensina, é o dogma da Comunicação dos Santos. Comunicação viva, perene. Já lá vão sete séculos. Pois bem; *hoje*, há quem sofra a influencia da vida do Pobre de Assis! Registei esta verdade no meu coração, com verdadeira alegria interior. É sempre grato tirar a prova às contas e verificar que estão certas.

A conversa continuou. Estávamos sós. Ao longe, o ruído da *tropa* no campo da bola. *Sabe uma coisa? Isto fica um segredo de três; nós e S. Francisco*.

Escutei e guardei a proposição, não tanto para cumprir o que dela me diz respeito, como gozar outra verdade: a Ressurreição de Jesus Nazareno. Tinha à minha frente, decididamente, um pregador de verdades eternas. Gosto muito de ouvir pregar da Ressurreição de Jesus, — penhor da minha. Os melhores pregadores, são os apóstolos que viram; *testes sumus*. Não há testemunhas como as de vista. Na missa daquele dia, tinha eu narrado aos meus filhos, por palavras ao seu alcance, o que os apóstolos disseram da Ressurreição do Mestre. Era Domingo de Páscoa.

Agora, para meu conforto espiritual, ouvia da boca de um discípulo a mesma verdade, por outras palavras: Francisco de Assis a guardar *hoje* segredos.

A balança de pesar creanças já chegou. Mais uma peça que temos para a nossa futura enfermária.

Temos as oficinas prontas a receberem as ferramentas. Temos mestres de sapateiro e de alfaiate os quais, sendo eles mesmo pobres, prontificaram-se, contudo, a emprestar as próprias, até que a gente as possa adquirir. Por amor de tanta generosidade, é que nós já temos rapazes ocupados

Alcunhas

Não sei quem é um senhor muito desconsolado que me escreveu a lamentar o uso que entre nós se faz da alcunha e dá, a este respeito, a sua opinião. Eu dou a minha também, mas não é de cátedra. Eu não sou mestre. Só um é Mestre e nós somos todos irmãos. A maior graça que o meu Senhor me tem feito é justamente a de nunca tropeçar na minha real pessoa e deixar sempre caminho aberto aos que quiserem passar. Posto isto, vamos às alcunhas. Primeiramente, distinguam a alcunha suja que alguns deles trazem, da alcunha branca que gira na comunidade. É desta que nos ocupamos, porquanto a outra *não gira*.

É necessário viver-se numa comunidade de 200 rapazes da rua, onde o número é abolido e os nomes repetidos, para se reconhecer o que as alcunhas representam. Muitos dos nossos, são conhecidos pelo nome das terras de onde vieram. *O Arouca. O Lisboa. O Celorico*. Outros, e aqui é que está o escândalo, são a pedra onde o fuzil dos mais espertos, acende nomes preciosos. Chega um rapaz que não sabe o nome do país nem da terra aonde nasceu. É o *soldado desconhecido*. Chega outro, com ares muito seraficos. É o *papa*. Há um que fala pelos cotovêlos. É o *rádio*.

Não há ninguém que seja capaz de apagar esta chispa creadora. A luz não é para meter de baixo do alqueire. Se houver alguém no Império capaz de mais e melhor, eu estou aqui para receber e não para dar lições.

Ontem recebi uma carta com presente de uns visitantes, para entregar ao *Figados*, que nos *andou a mostrar as casas*. Figados!? Quem será, disse eu comigo mesmo? A carta dizia que o nome tinha sido dado pelo próprio: *Eu sou o Figados*. Indaguei: O *Figados* é o Barros. É um dos quatro irmãos pequeninos, cujo Pai está na prisão e a Mãe anda por lá. Ora este rapaz tem manchas no rosto e ouviu dizer a um Médico que era do figado. Contou à malta. Pois tanto bastou. É o *Figados*.

Claro está que se êle fosse o 195, nada disto acontecia. Mas eu antes quero *figados*, até ver.

na arte de sapateiro e de alfaiate. Carpinteiros e ferreiros já tínhamos.

Visitantes. É um mundo deles! Uns passam palavra aos outros, e todos acodem. *E' tudo como se diz*, foi a declaração de um senhor, à testa da caravana. Entusiasmado, o mesmo senhor continua: *V. havia de ter um livro de cheques da Nação, e sacar do nosso dinheiro à maneira que precisasse*, o que precisasse!

Oxalá os meus sucessores aprendam a tomar mais gosto às dificuldades do que à abundância. A qual abundância, se fôr de dinheiro, é a maior peste do mundo. A nossa riqueza, está no valor das almas. Destes pequeninos, inocentes, repudiados. Mais dois mil e quinhentos escudos de Lisboa, *daquele amigo desconhecido*. Olhe, é verdade. Bem podera ter ido à Sua Quinta, pois vi o nome dela na estrada Tomar-Lousan.

Podera e quizera, eu que tanto amo uma lareira acolhedora! Mas que quere; quem se consagra verdadeiramente a uma vida, sabe que os seus maiores amigos, são aqueles que melhor compreendem o holocausto — e deixam arder a vítima até às cinzas! Ninguém tenha pena destas vítimas que se gastam por amor do que parece não prestar.

Tornei a Lisboa. É a cabeça e está tudo dito. De lá veem as penadas decisivas. Por causa do adiantar da hora o *rapido* passa a Coimbra com sol. Gosto de vêr Coimbra. Tenho saudades de Coimbra. Um mundo de recordações, ao passar na ponte! Está ali a cidade onde nasci para a vida dos Pobres! Que feliz eu era na minha meninice! *Um padre que vai ós pobres*, como aquela gente dizia. E assim, menino, sem visitas nem opiniões, tinha tempo de chorar com os que choram, na cidade de Coimbra! Hoje, não. Cresceu a nau mai-las tormentas. Sou ponto de contra-dição a quem todos atiram, cada um a seu modo: *Mas é. Mas não é.*

O Comboio entrou nas agulhas do Rocio a tempo e horas. A luz deslumbra. Lisboa espera amigos. Deram-me um quarto no telhado. *Tudo aceitar*, eis a divisa. Começo o dia em S. Domingos. Duzias de sacerdotes holandeses e italianos ocupam os altares. São missionários que vão para as nossas colónias. Nós vamos depois!

Desta feita, começo a trabalhar mais pelas Comissões Reguladoras do que propriamente pelos Ministérios. Não que eu tivesse esgotado o assunto ali, não senhor. Tenho muito para dizer. Mas também tenho alguma coisinha a falar nos novos organismos, pois é com eles que a gente agora se entende, para obter o que precisa.

Vivem dissimulados, em casas de um rôr de andares. Ele na alta. Ele na Baixa. Ele lá mais para cima. Em regra há elevadores, mas são prós senhores. A gente vai a pé. Custa mais, mas sabe bem. Nada no mundo, que pague a satisfação íntima que vem à alma do homem que subiu pelo seu pé — nada. Poucos a gozam porque são muitos a querer e a procurar o elevadorzinho.

A primeira prova de demissão que eu dou aos empregados, é deixar-lhes saber, quando mo pedem, que não tenho cartão.

— Não tem cartão?

— Não senhor.

Logo a seguir, vem a desgraça de não conhecer nenhum dos senhores que lá trabalham.

— Com quem queria falar?

— Olhe; não sei.

— Mas diga o nome.

— Olhe; não sei.

Palavra puxa palavra e depois de eu dizer o a que venho, o empregado deduz e vai chamar.

Estou em presença do Senhor que me manda entrar. Nunca o vi.

Não sei o nome, mas trato-o por *senhor Doutor*.

Digo o que pretendo. Está para vir o primeiro *non*, tanto vale e tanto pesa a *Creança abandonada!* O senhor doutor sabe da obra. Fala com entusiasmo. Pergunta coisas. Eleva. Eu gosto de escutar. Acredito. A vaidadesinha começa a mexer-se dentro de mim. A fazer as suas reclamações. Nisto chego a casa. Acho o correio; muitas e variadas cartas. Quase sempre vem uma que traz o contra veneno: Um senhor a botar abaixo o que eu digo e o que eu faço.

PÃO DOS POBRES é o livro do Padre Américo, que deve ser lido por todos. Peçam-no aos vendedores do nosso jornal.

MIRANTE DE COIMBRA

Foi cristã com por cento a nossa Páscoa. Não o seria se nos limitássemos às cerimónias litúrgicas do dia. Estas tiveram o seu lugar marcado no programa com números inéditos que o pequeno cronista de Miranda registou. Apraz-me sobretudo salientar a parte coral que esteve a cargo exclusivo dos gaiatos. Um deles, de treze anos, estava ao harmónio, os outros puxavam pela garganta.

Há muito que suspiramos pelo dia em que se possa prescindir de todos os orientadores estranhos. Já esteve mais longe essa data.

Assim como o agricultor escolhe a melhor semente para a cultura do ano seguinte, assim nós queremos que os melhores rapazes sejam os futuros continuadores da Obra.

Mas a Caridade foi o número especial do dia. E' por ela e não pelas muitas orações que se conhecem os verdadeiros discípulos de Cristo.

Os pobrezinhos dos lugares vizinhos vieram em primeiro lugar sentar-se à nossa mesa para provar do nosso café, pão e bolos. Depois eram os rapazinhos da Conferência que saíam a levar a sua esmola, diferenciada dos outros domingos, em qualidade e quantidade. Trouxeram recados de amor e gratidão. E, em nova sortida, alargaram a sua esfera de acção até ao Hospital dos Lázaros, em Coimbra.

Não podíamos quebrar uma tradição há tanto tempo principião e mantida com tanto carinho.

O facho da Caridade apenas mudou de mão, mas é a mesma chama que vai à frente a aquecer e orientar.

Não soube ser cristão quem se limitou a melhorar, no dia de Páscoa, o próprio prato.

* * *

Tudo isto foi possível devido à generosidade de alguns dos nossos amigos que não esperaram que lhe batéssemos à porta. O Café de Santa Cruz e a Fábrica Triunfo tiveram o primeiro lugar nesta mensagem de bem fazer. No sábado, vindo de propósito de Coimbra, parava à porta, um carro carregado com quarenta e cinco bolos com ovos cozidos, (tantos quantos os gaiatos.) Muitos quilos de amêndoas, massa e bolachas, «em memória do inolvidável fundador».

Inolvidável sim: que o digam os pobres de Coimbra. Ainda bem que deixou continuadores.

Por outras vias nos chegaram com infinito regosijo nosso e gratidão, mais cincoenta e tantos ovos da Páscoa; 20\$ de um sacerdote que nunca nos deixa de mãos vazias; 20\$ de visitante; milho e vinho de Miranda; 20\$ de Matozinhos; 200\$ de visitantes à hiche; 55\$ no Banco; 20\$ na Casa do Castelo; 100\$ de Lisboa; Batatas de Manteigas; brinquedos de Moçambique, de alguém que deixou de ser menino; 500\$ do Banco de Portugal; 2.250\$ dos Subscritores de Coimbra; 100\$ mais 30\$ de Coimbra; 40\$ no Hospital; 300\$ de... um Amigo. E finalmente 150\$ da Índia, donde se conclue que já chegou à Ásia esta luz que aqui se acendeu.

P.º Adriano.

EM FÉRIAS

Cheguei há dias da Figueira da Foz com o Armindo que comigo se quer dedicar à Obra da Rua. Encontro-me agora nas férias da Páscoa com os meus companheiros, sobretudo com os da conferência de quem eu mais gosto.

Brinco muito com eles, lembrando o tempo que com eles convivia desde que vim de Lisboa.

Graças a Deus consegui cumprir a promessa de ir com o José Maria levar as esmolas aos pobrezinhos. Fui ao Carapinhal, onde temos uma família socorrida pela nossa Conferência. A Ti Fendeira cheia de contentamento dizia que já estávamos vestidos e calçados no céu.

Gosto muito de poder conviver com eles embora por pouco tempo. Nas férias grandes poderia matar todas as saudades. Vim hoje a Coimbra trazer as amendoas da Páscoa aos doentinhos do hospital dos Lázaros com alguns companheiros da conferência. Foi o Sr. Padre Américo que há muitos anos começou a visitar estes doentes levando-lhes amendoas, frutas e doces pelo Natal e Páscoa. Mas como ele agora está sempre em Paço de Sousa nós com o Sr. Padre Adriano continuamos a levar-lhes uma lembrancinha. Eles ficam muito contentes. Ir-me-ei embora no dia seis para o Seminário para de novo continuar os meus estudos pela obra do Sr. Padre Américo.

Apresentam-se agora os exames que começam em Junho. Só temos uma disciplina: é a matemática mas hei-de triunfar se Deus quiser.

JOÃO CARLOS FREITAS.



Eles veem daqui...

Crónica da Casa do Porto

Rua D. João IV — 682

Noticias da Conferencia

Deram-nos os dois colchões dos velinhos que morreram. Foram desinfectados e reformados. Agora serviram para os pobres do Licínio e do Bernardino que dormiam no chão. O Bernardino no dia em que levou o colchão ao seu pobre fez também a visita. Ficou muito satisfeito e tinha a casinha muito bem arranjada, só nos falta arranjar cal e um pincel para caiarem a casa. O Licínio também fez o mesmo, levou o colchão à pobre e fez a visita. Encontrou-os a jantar, e com o colchão novo; ficaram muito contentes. A do Ferreirinha estava em casa, mas o pequenito andava pela rua. E' uma miséria, se o pai o deixasse vir estaria tão bem! Mas há assim pais, que não querem a felicidade dos filhos.

Notas Diversas

Fomos passar a nossa Páscoa a Paço de Sousa. Foi um dia passado em família. Recebemos o compasso e todo o dia passamos muito alegres. De tarde regressamos ao Porto no comboio.

—Há dias o Poupagrediu o Ferreirinha que está encarregado provisoriamente da chefia. Foi um caso grave e logo severamente castigado pelo agredido. Mas isso não foi bastante porque o Ferreirinha é chefe. Ele, o Bernardino e o Adriano formaram o tribunal que julgou o Poupagrediu e resolveram dar-lhe dois bolos em cada mão, em acto da comunidade, e só isto porque ele se apressou a pedir perdão ao agredido, ao saber que ia ser julgado.

—Estão cá 5 tinhosos a fazer tratamento; o mais grave é o que veio da viela do Ferraz. Estes tratamentos custam muito trabalho à senhora, e muito dinheiro ao Sr. Padre Américo. Era bem preciso que lhe dessem dinheiro para na Enfermaria de Paço de Sousa haver aparelho para curar a tinha.

—Começam as aulas. Depois de passadas as férias da Páscoa, a nossa rapaziada volta à escola. Que Deus nos ajude.

—Os dirigentes da Conferência dos Pobres e mais dois confrades foram assistir ao «Dia Vicentino», no Seminário de Vilar e viemos entusiasmados com o que ouvimos. Todos se mostraram nossos amigos e por isso nos fizeram ver a responsabilidade que temos por sermos filhos da Casa do Gaiato.

O que nos ofereceram esta quinzena

De um anónimo 250\$00. Mais na caixa do correio 2\$50. De um visitante 5\$00. Deram ao Ferreirinha 3\$00. Dois pacotes de roupa na Espelho da Moda e algumas revistas. Duas camisas que deram ao Rodrigo em Braga. Mais 3 quilos de manteiga apreendida pelos Serviços Pecuários. Dum nosso amigo e vizinho recebemos 200\$00 para as amendoas.

Noticias da Casa de Miranda

por Carlos Alberto Fontes

Os nossos pobres

Sempre que passa alguma festa, damos tudo o que temos aos pobres da nossa conferência. No domingo de Páscoa a esmola foi um pouco mais melhorada:

—Destá vez levamos açúcar, pão e bolos. Ah! com alegria que os nossos humildes pobrezinhos ficaram! A família da Estação tinha a barraca toda esfregada! Estava para lavar os filhotos para estarem limpos quando o sr. Prior viesse. Ela disse que os filhos quase todos tinham boas madrinhas e padrinhos mas que o mais velho não tem ninguém que lhe dê roupas; se não fossemos nós que êle andava na miséria. Para os nossos pobres mandaram-nos mais de 100\$00 para a nossa conferência. Resolvemos ir a Coimbra ao Hospital dos Lázaros levar amendoas, nozes e revistas ilustradas. Foram lá quatro meninos da Conferência a fazer a distribuição em nome dela. Os pobres doentes ficaram muito reconhecidos.

No dia de Páscoa tivemos bolachas, bolos e amendoas que nos mandaram de Coimbra. Foi uma fragoneta da Triunfo que os trouxe no sábado.

No sábado de aleluia receberam o baptismo alguns meninos que ainda estavam moiros. Algumas senhoras da vila ofereceram-se para madrinhas. O José Ferreira, o Fernando e o Manuel foram convidados para irem comer a casa dela. Só o Tónio é que não. Quando os outros saíram começou a gritar: quero ir à minha madrinha. Mas o Sérgio que foi o padrinho consolou-o com um bolo que lhe deu. A's vezes o Sérgio senta o Tónio e pergunta-lhe: O' Tónio quem sou eu?

—O Sérgio.

—Quem?

—E' o padrinho!...

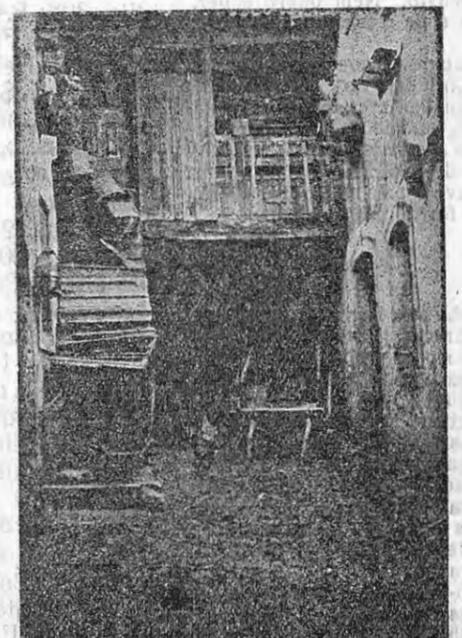
Chegou cá o irmão do Pipita. Está muito contente por estar junto do irmão. Logo que veio foi à erva e caçou um grilo.

—E' um raro. disse ele para o meu irmão. Já vai levar as ovelhas ao pasto. Corre atrás delas que nem o Nicolau!

O Manuelzito esteve doente na cama. E como não sabe falar ainda muito bem, perguntaram-lhe o que tinha, e ele disse: Tenho uma axal (ferida).

Na quinta-feira Santa fizemos todos a nossa desobriga na igreja da freguesia.

No domingo de Páscoa cantamos à missa e o João Carlos tocou órgão na nossa capela. Era a primeira vez, mas saiu muito bem. Nunca sea trapalhau. A paixão dele é o piano e a música.



...e daqui também

Isto é a Casa do Gaiato

VENDEMOS uns bois por doze contos, na feira de Penafiel. Deu que falar. O Professor Madureira, que superintende na quinta e gados, deu uma bola de borracha à turma dos rapazes que tratam do gado.

RECEBERAM-SE aqui duas caixas pelo correio, a dizer por fóra—medicamentos. Foram remetidas à enfermaria. Uma vez abertas, descobriu-se a burla. Era mas era manteiga. Manteiga em pacotes.

Oh! ricas merendas! Até aqui tem sido figos, salvo raros dias em que as fazemos de alface. Mas os figos são caros. Caríssimos. Uma merenda de figos a 120 rapazes, fica pelo preço dum *cock tail*. Agora não.

O Senhor da burla mora em Lisboa, num bairro da fina flor. Gosto imenso daqueles ares e daquelas vistas: o Tejo, o Mar. Tenho-as gosado. Não é sempre que vou a Lisboa, mas às vezes calha. São horas regaladas, e desço ao Rocio quentinho de estomago e algeibeiras.

AQUI em Cete esteve uma fita: *O Zé do Telhado*. Dois dos nossos, saudosos de aventuras, foram. Convidaram outros que não quiseram ir, por mais avisados. Houve capitulo. Deu-se-lhes um minuto para reflectir, depois de descarnar a gravidade da falta; e lançou-se a disjuntiva.

Ou aceitar o castigo, por amor da justiça, ou regressar á rua. Os reus estavam no meio. O silêncio, cortava-se á faca. Queremos ser castigados.

ERAM oito da tarde, ou vinte do dia, como melhor parece dizer. A tropa esperava fora do templo que o sacristão tocasse para a devoção; ele atrasou-se um bocadinho naquele dia. Nisto Oscar e Claudino e Gari, atiram-se á corda do sino. Sacristão acode a reclamar que é seu. Os intrusos não cedem: *Viesses a tempo!* A corda, com o ser feita de arame torcido, já partiu duas vezes! Que dirá agora o povo do lugar com estes sarilhos, ele que já dantes dizia tanta coisa?!

Mas não fica por aqui. Se é verdade que o sino da torre é tormenta, que dizer da campainha do altar?!

Como foi aqui relatado, sacristão e Inácio, travaram-se de razões, de quem havia de tocar a campainha á glória dos mistérios, porquanto um é o sacristão, o outro é o que preside, e ambos queriam para si o privilégio de tocar.

Ora eu tenho observado que durante algum tempo tocou o sacristão, mas agora é o Inácio quem toca, não sei se por acordo tácito ou explicito. Nem quero saber. A obra é de rapazes, pelos rapazes.

Mas o pior é que ontem á noite, estava o Inácio no exercício das suas funções com a campainha na mão, quando chega a hora de tocar, o Sapo vai e tira-lha e toca! Por decoro da hora e do lugar, não houve a mais leve beliscadura, mas cá fora é que foram elas!

ESTAVA o Zé Eduardo na enfermaria a curar uma ferida no meu pé, quando eu lhe disse para ir ao quarto e trazer umas piugas, sem me lembrar que na gaveta da commoda e justamente entre as piugas, tinha eu escondido um pacote de amendoas, para fazer a páscoa. Zé Eduardo regressa do mandado e reassume as suas funções de enfermeiro. Nisto, deixa cair uma amendoa da algeibeira.

— Vi-a rolar no chão e liguei as ideias imediatamente.
— Oh! Zé Maria!
— Foi só uma, disse Eduardo! o rapaz visivelmente atrapalhado. Nisto, nova amendoa rola no chão! O enfermeiro, com a pressa,

não deu fé de que tinha as algeibeiras furadas. Terceira amendoa rola e mais e mais e mais! Diante da evidencia, o vadio doutros tempos soluça aos meus pés. Já não podia negar nem mentir: Já fez dois anos em nossa casa este rapaz. Ainda não sabe resistir ás tentações nem medir a responsabilidade dos seus actos. Não pensou que tirando amendoas do meu quarto comprometia necessariamente o encarregado, que é o Alfredo e que este seria chamado a contas, quando eu desse pela falta. Como podemos nós colocá-lo em coisas grandes, se ele não tem sido fiel nas pequenas?!

O Xanxaxé, cujo nome de baptismo é Rogério, foi ontem ao Porto mais eu. Chegou finalmente a hora de saldar a dívida que com ele contraíra, por causa de uma acção nobre que ele praticara; fomos tomar chá e bolos. Abalamos de Cete no comboio das 13. Ele mesmo foi á bilheteira comprar o seu meio bilhete, em bicos-de-pé, para chegar. Ainda não fez oito anos o Xanxaxé. Na nossa casa do Porto, correu voz de que havíamos chegado e imediatamente ouve-se de um deles: *Vamos ter reunião dos grandes!*

Nessa tarde fomos cumprir a promessa na Confeitaria Oliveira. Veio o criado com chá e bolos. O Rogério fez aquilo muito baratinho; só comeu dois.

No fim, um empregado da Casa, vem com um cartucho anunciar que os donos ofereciam. Eram amendoas. De regresso, na bilheteira de S. Bento, o empregado quiz-nos oferecer o bilhete do pequeno. Agradei comovido. Não vai longe o tempo em que nos meus giros de Coimbra, por via da batina negra, fui muitas vezes *mimosiado* por ferroviários dentro do próprio comboio: *eh padrecá dum raio!* Hoje, ao comprar um bilhete para um dos meus, filhos,—*está pago bom padre!* A Caridade faz milagres.

Rogério tomou o seu bilhete mais o seu lugar, e eu fiz na mesma.

Em Cete de novo nos encontramos. Descemos. A primeira conversa foi uma queixa:

—O homem dos comboios frou-me o bilhete. Ol he!

—Pra que é que tu lho deste?

O Ernesto veio agora aqui entregar um tostão:

—O batata trazia isto.

—Quem é o batata!?

Soubes tudo. O batata é o João. Tem, quando muito, uns cinco anos. Quando chegou a nossa casa, de tanto que comia, deram-lhe o nome de Sebastião. Sebastião come tudo. Ouvi muitas vezes este apelido, á hora das merendas: *O Sebastião!* Acontece que o Joãosito, de tanto comer, dá em engrossar, e agora é redondo, por isso mesmo mudaram-lhe a alcunha, o que eu não sabia, mas sei agora. É o batata. O batata!

Quem pode apagar ou acender o lume da intelligencia? Quem, as estrelas? Só o Creator!

CONTEI. Eram 30 dos nossos mais pequeninos, foices na mão, uns a picar, outros a empilhar lenha da poda, para aquecer a água das barrelas e da fornada do pão. Perguntei quem mandava no grupo. *E' o Santa*, responderam 30 rapazes ao mesmo tempo. *E' o Santa*. Era um espectáculo de vigorosa ternura; campo adequado a saudável meditação: saber a gente de fonte limpa que se aquelas 30 crianças não estivessem ocupadas, em sua casa, andariam perdidas nos caminhos, por maus caminhos.

Ora muito bem. No meio do grupo dos trabalhadores, erguia-se um cépo e sentado sobre ele, um rapaz de lençol ó pescoco, ás ordens do Periquito. O Periquito é o barbeiro. Corta, quero dizer, rapa ás segundas-feiras. Como não temos ainda officina montada, o que muito o desgosta e a mim idem, o Periquito instala os pacientes onde lhe dá na gana. Este,

fê-lo sentar no telheiro, onde estava a tropa miuda. Outras vezes, arrasta as vítimas para o pé dos da erva, nos campos, e ali opera. Tem sido visto no campo de jogos, á beira dos tanques, na rouparia. Enfim, onde quer que haja barulho de rapazes a trabalhar, Periquito instala-se e instala o freguês.

Ora no caso deste, o Taquedinho, (que é o António de Aguada-de-Cima, assim chamado por dizer aos rapazes que o importunam: *está quedinho*), no caso dele, digo, notei que Periquito, estava com uma foice na mão, a aguçar uma estaca de salgueiro, em vez de o atender.

—Que estás tu a fazer?

—Um cacête, por causa dos refflões! Deixei. Se alguém tinha alguma coisa a dizer, era o freguês, o Taquedinho, mas êle de nada se queixou. De maneira que não houve nenhuma alteração nos trabalhos, com a minha passagem por ali. Taquedinho, continuou de lençol aos ombros á espera. Periquito, a fazer o cacête prós refflões. O Santa, a vigiar.

Ele é certo que tal não sucederia se eu me tivesse a mim e fôsse tido por êles, na conta de director. O Senhor Director! Haveria mais medo. Não sei se mais respeito. Com certeza, menos amor, e aqui é que está. Eu quero ser amado.

NO domingo de Páscoa e após a visita da cruz, deixaram-se ficar amendoas sobre a mesa, dentro de pequeninos pratos de vidro. Iamos tirar a prova de resistência ás tentações, sem grandes esperanças na fidelidade dos rapazes, sobre tudo dos derredeiros chegados. Materia aliciante contra a natural fraqueza de cada um. Assim foi: horas depois, notou-se um grande rombo nos pratos. Nos três pratos! A noite levantei a voz. Chamei todos á consciencia. Narrei o caso de um prato com nozes, em Miranda, mais de um ano sobre a mesa, e ninguém lhe tocara. *Rapazes como vós*, disse. Voltei á consciencia.

Aquela terrivel juiz que dá prémio ou castigo, continuei afirmando. A tropa escutava.

Eram horas de deitar. Toco dispersa para suas casas, á frente dos chefes como é uso da nossa organização. De novo me sentei, a acabar o caldo.

Nota-se grande restolhada fora, no alpendre. São os mais pequenos a discutir. Elvas foiver e pelo que me contou, o aguilhão da consciencia andava a fazer das suas... No dia seguinte, corria voz de quem tinham sido os lambareiros. Falava-se, nos meios bem informados, do Branquinho, do Bucha, do Sapo, e outros. O caso não podia ficar em branco. Urgia falar e falou-se.

Novo tribunal. O primeiro a ser chamado é o Bucha. Tem uns 7 anos, talvez. Não temos documentos nem informação deste simpático lambareiro.

—Bucha, és acusado de teres ido ás amendoas

—Fui sim senhor.

A confissão espontânea da culpa, tirou imediatamente a pena e deu ocasião a dois prémios. O primeiro, foi a ovação de todos os companheiros, também espontânea: *viva o Bucha!*

O segundo, foi uma mão cheia de amendoas que lhe dei.

O quê, dar amendoas a quem rouba amendoas? Encorajar o roubo? Premiar o mal! Que é do castigo?

Ora não foi por tirar amendoas; foi mas é por haver dito a verdade, que o Gaspar levou amendoas e palmas. A lição que o pequenino de 7 anos deu aos mentirosos, foi a causa da recompensa.

A nodoa mais suja que estes rapazes trazem e aquela que mais custa a lavar, é a mentira. Mentira-profissão. Mentira-arma. Mentira sempre e para tudo. Há 17 anos que lido com gente de má nota e bem podera ter-me afeito á mentira, mas não. Cada caso, é uma experiencia dolorosa. Por isso quando me aparece um Bucha a dizer a verdade, não resisto: É um desabafo. É um banho. Toma lá, Bucha!

Assinaturas pagas

Maria do Carmo Mexia de Almeida, 50\$00; Teresa Almeida Lopes, 20\$. Ambas de Mora.

Prof.^{as} Maria Nazaré e Maria Emilia, 20\$; Dr. António Matoso, 50\$; Maria Augusta Brites 20\$. Todos de Leiria.

Joaquim Lacerda, Figueiró dos Vinhos, 30\$; Diamantino de Medeiros Ferreira, Montijo, 30\$; P.^e Manuel Pereira da Silva, Fátima, 100\$; Dr. Júlio Ferreira Constantino, Fátima, 50\$; Francisco Vasconcelos Castro e Melo, Viana do Castelo, 20\$; Laurinda Moura, Viana do Castelo, 30\$; José Alberto Castro Machado (2 anos), Viana do Castelo, 100\$; Luisa, Amélia de Fontes Pimenta, Ponte de Lima, 30\$; Adriano Simões Santo, Chão de Couce, 10\$; Abade de Lagares 20\$; P.^e José Nunes de Oliveira, Cete, 20\$; P.^e Rodrigo Fontes, 20\$; Rosa Moreira Martins, 20\$; Manuel António da Costa, 20\$; Odília Rosa de Jesus, 20\$; José de Oliveira Pina, 20\$. Todos de Arrifana.

Maria Canavarro de Almeida e Brito, Castendo, 25\$; Dr. O'scar Faúlha, Castendo, 30\$; José Rosmaninho, Murtosa, 20\$; Albina Patusca, Murtosa, 20\$; Mafalda da

Silva Portugal, 20\$; António Feliciano de Sousa, Valadares, 100\$; D. António Ildefonso dos Santos Silva, Silva Porto (Angola), 100\$; Alberto Tabora, 50\$; Fernando Lemos, 50\$; Eng. Mário Borges, 50\$; Rodrigo Lage, 100\$; Eduardo Fernandes, 50\$; Francisco da Silva Cunha, 100\$; António Cruz, 25\$. Todos de Ermezinde.

Américo Lima, 20\$; Dr. Osvaldo Bastos, 50\$; Ventura Ferreira de Oliveira, 100\$; Mamede Pinheiro de Sousa, 50\$; Palmira Guimarães, 20\$; João Henrique Pereira Fernandes, 20\$. Todos da Foz do Douro.

Virginia Matias Serra Campos, S. Martinho da Cortiça, 25\$; Manuel Amélia Ribeiro, Paúl, 20\$; Eduardo de Castro, Vila de Rei, 25\$; António Lopes Pinto, Caminha, 30\$; Os Gaiatos de Valinho, 50\$; Lucinda Emilia Teixeira Coelho da Silva Calder, Lamego, 50\$; Maria da Anunciação Sobral Cid, 25\$; Maria da Graça Santos Carvalho, 30\$; António Lopes Dinis, Bencanta, 20\$; Maria José Archer, Famalicão, 20\$; Amélia Magalhães Brandão (2 anos) Famalicão, 50\$; Inácio Pinto de Meireles Ruão, Paredes,

20\$; Dr. Luís Filipe Monteiro Pacheco, 50\$; P.^e José António Moreira de Sousa, 50\$; António Vieira, 30\$; Jaime de Matos Costa, 20\$. Todos de Paredes.

Maria José de Moura Machado, Guimarães, 25\$; Belmiro Mendes de Oliveira (2 meses), 20\$; José Manuel Fernandes da Silva, Nagozelo, 50\$; P.^e José Maria de Lacerda, Paredes da Beira, 50\$00; Menina Maria Helena de Moura Pinheiro, Rio Tinto, António de Sousa Neves, Rio Tinto, 30\$; D. Vasco Belmonte, Alenquer, 50\$; Dr. João António da Costa Lima, Castelo da Maia, 50\$; Dr. Armando Ramos Fontainhas, Monção, 50\$; Manuel da Cunha Sotto Mayor, Monção, 25\$; Octávio Dias Garcia, Vila N. Ourém, 20\$; Francisco Marques Pereira, V. N. Ourém, 30\$; Cesária Marquês de Figueiredo, Barrancos, 25\$; Maria das Dores Vasquez, Barrancos, 25\$; Maria Leonor Figueiredo do Vale, Tábua, 20\$; Tomázia Macedo, Celorico de Basto, 25\$; Lucinda Val Mesquita, Granja, 20\$; Maria Manuela Abreu, Setúbal, 50\$; Menino Alberto Ramos S. Dias, Fundão, 20\$; Dr. Celestino Tavares Mon-

teiro, 25\$; José Henriques Abrantes, 20\$; Angelo Adelino da Fonseca, 25\$; António Antunes Pião, 25\$; Dr. Virgílio da Costa Oliveira 50\$. Todos do Fundão.

Helena José Maia Amaral, Aveiro, 50\$; Jaime Lopes Claro, 20\$; Jaime Tavares de Amorim, 20\$; Horácio Fernandes Louro, 20\$; Joaquim Martins Maia, 25\$; Joaquim Perdigo de Abreu, 20\$; Dr. Afonso Lares, 200\$. Todos da Anadia.

Maria de Lourdes Teles C. Monteiro Castelo, Guarda, 50\$; Maria José Vitorino Marques, 20\$; Francisco Martins dos Reis, Covilhã, 20\$; Cristiano Cabral Nunes, Covilhã, 50\$; Maria Augusta Alçada de Moraes, 100\$; Idalina Dias Sequeira (1/2 ano), Portalegre, 12\$; Maria Ana Sequeira Serizado (1/2 ano), Portalegre, 12\$; Catarina Blanco, (1/2 ano), Portalegre, 25\$; Luciano Fernandes Falcão, Miranda do Corvo, 20\$; P.^e Manuel Domingues, Figueiró do Campo, 50\$; P.^e Manuel de Oliveira, Avelãs de Caminho, 25\$; Celeste Pinto, Avelãs do Caminho, 25\$; Tenente António Mendes Machado, 100\$; Isaura Migueis, 25\$.